

O TEMPO ETERNO DO CONVENTO DA ESPERANÇA DE VILA VIÇOSA NAS MEMÓRIAS DE SOROR ANTÓNIA BAPTISTA

CARLA AVELINO

ISCAP

carlavelino.pt@gmail.com

RESUMO: O *Livro da Fundação do Convento da Esperança de Vila Viçosa* serve um propósito memorialístico e identitário que respeita a comunidade religiosa do Convento da Esperança de Vila Viçosa.

O manuscrito da autoria de Soror Antónia Baptista permite constatar o cruzamento de uma escrita feminina individual com uma escrita feminina coletiva, embora cada uma delas assuma vetores de diferenciada responsabilidade. De alguma forma, todas as religiosas do convento são chamadas a participar na construção de um registo histórico que fará perdurar a identidade do mosteiro. No entanto, apesar deste contributo coletivo que testemunha o inteiro sentido de comunidade, a perceção do vigor do registo escrito na perpetuação das memórias coletivas, levam Soror Antónia Baptista a dar corpo ao texto, assumindo a autoria do relato de episódios essenciais para a preservação do património identitário do Convento da Esperança.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia; Escrita feminina; Crónica conventual; Espiritualidade; Memória; Identidade.

ABSTRACT: The *Livro da Fundação do Convento da Esperança de Vila Viçosa* serves a memorialistic and identity purpose that respects the religious community of the Convent of Esperança in Vila Viçosa.

The manuscript by Soror Antónia Baptista allows us to verify the crossing of an individual feminine writing with a collective feminine writing, although each of them assumes vectors of different responsibility. Somehow, all the nuns of the convent are called to participate in the construction of a historical record that will make the monastery's identity endure. However, despite this collective contribution that testifies to the whole sense of community, the perception of the vigor of the written record in the perpetuation of the collective memories, lead Soror Antónia Baptista to give body to the text, assuming the authorship of the report of episodes essential for the preservation of the of the Convent of Esperança.

KEY-WORDS: Historiography; Feminine writing; Conventual chronicle; Spirituality; Memory; Identity.

*Graças a Deus que chegamos a um mosteiro onde se encontrão todas as suas memórias verdadeiras e livres de opiniões encontradas, que sempre deixão pouco satisfeito quem, com a maior vigilância, deseja o acerto na sua escrita. Esta felicidade devemos à venerável Madre Soror Antónia Baptista.*¹

O *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria*², concluído em 1657, pelas mãos de Soror Antónia Baptista, freira clarissa professa no mesmo convento, permaneceu manuscrito³ até hoje, apesar das licenças aprovadas e autorizações concedidas.

Redigido por entre uma erudição desvelada nas frequentes referências históricas, políticas⁴, literárias e religiosas⁵, que perpassam através de um estilo claro e simples, o texto almeja uma intencionalidade didática, de doutrinação. O objetivo da autora é expresso desde logo nas primeiras páginas da obra, quando a mesma revela que se serve da sua “tosca pena” para proveito das freiras mais novas, recorrendo aos exemplos de vidas pretéritas, com vista à formação das consciências presentes. Isto é, a intenção moralizante do texto é notória neste legado memorialístico que Soror Antónia Baptista deixa às jovens religiosas, para que estas possam ter como modelos de virtude antigas monjas do convento que, tal como elas, ali se recolheram para melhor viverem o chamamento da santidade.

Ao eternizar as figuras que traz à memória, a autora perpetua simultaneamente a história do convento que serviu de cenário à passagem dessas vidas. Deste modo, percebemos a polaridade entre o todo da comunidade ao longo dos seus tempos e a individualidade da cronista, Soror Antónia Baptista, que no seu discurso deixa marcas sobre o modo como percecionou a comunidade

¹ BELÉM, Frei Jerónimo de – *Chronica sevaphica da santa provincia dos Algarves da Regular Observância do nosso seráfico Pe S. Francisco*(...), pelo padre Frei Jeronymo de Belem. Lisboa: na oficina de Ignacio Rodrigues, anno de MDCCL, p. 125.

² BAPTISTA, Soror Antónia BAPTISTA – *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de alg as plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memorial/composto por Soror Antónia Baptista, indigna Religioza do ditto Convento dedicado a mag.de el Rei Dom João o 4º nosso Senhor e Padroeiro do mesmo Convento*, 1657. BN, cod.1234.

³ Importa clarificar que, embora a obra estivesse pronta para seguir para os prelos, tal facto não se verificou por razões que se desconhecem. Poder-se-ia conjecturar, a este propósito, se a morte do rei D. João IV, dedicatário da obra, ocorrida um ano antes da conclusão da mesma, não teria tido influência na interrupção do processo de impressão do texto ou dar voz a Frei Jerónimo de Belém que aponta a morte prematura da autora como justificativa dessa realidade (*Chronica Seráfica da santa Província dos Algarves* (...). Lisboa, MDCCLVIII, tomo IV, p. 125).

⁴ Por exemplo na referência à preocupação da conversão de Inglaterra, da sucessão em França, da Restauração da Independência Nacional, entre outros, “livro segundo” e “livro terseiro” do *Livro da Fundação*.

⁵ Soror Antónia faz alusão a vários textos, alguns de cariz devocional e espiritual, como vidas de santos, livros de orações, de meditação, exercícios espirituais, a Bíblia, textos escritos por irmãs suas, mas também faz referência aos clássicos gregos, nomeadamente a Ícaro, a Homero. BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro primeiro”, “Prologo”, fl. VI v.

monástica do mosteiro da Esperança.

A autora revela ter sentido necessidade, desde muito cedo, de “tirar à luz tantas maravilhas”, por não achar documentos que registassem as memórias dessas “maravilhas” cujos exemplos se pretendem ver replicados pelas mais novas. Por ver esse descuido no registo de memórias por parte das mais antigas, a autora confessa: “so eu como não sei imitá-las me sucede o que a quem vive sem luz que vendo-a repara mais em ela que quem sempre a goza”⁶. Forma engenhosa de criticar as companheiras ao mesmo tempo que as desculpa, invocando a sua incapacidade e pequenez de espírito, pois só pode ver a luz que emana das companheiras quem não tem a perfeição interior para dela gozar.

A autora assume a consciência da sua responsabilidade literária, escudando-se em várias fórmulas de modéstia, muito usuais entre religiosas, como “tão leal criada”, “indigna religiosa”, “desabrido talento”, a “tosca pena”, que se traduzem na confissão de alguma humildade oscilante entre a ousadia de escrever as virtudes das biografadas e o receio de não estar à altura dos atributos a celebrar: “não sei irmãs e senhoras minhas como hei tido ousadia pera emprêder esta obra (...) atrevendome atomar a mão a tão grandes talentos”⁷. A estas fragilidades, usualmente enunciadas pelas autoras da época, acresce a percepção das deficiências inerentes à laboriosa tarefa - “em esta obra vereis muitas faltas seguro”⁸ - que rapidamente transcendem, valorizando sobretudo a necessidade de tornar públicas as qualidades daqueles prodigiosos seres.

Contudo, Soror Antónia Baptista revela uma técnica de escrita apurada não só nos temas que trata mas também na forma como os apresenta, com marcas eivadas de feminilidade. Com facilidade consegue envolver o leitor, através do seu estilo simples, emotivo, crítico e condescendente, quando se serve dos diminutivos - “memoriasinha”, “bequinho”, “cabelinhos”, “freirinha” - ou quando interpela diretamente o leitor, para que este ajuíze por si mesmo sobre determinada situação - “julgue agora o leitor cõ que puresa veviria esta alma”⁹; ou pelo uso de expressivas metáforas em apologia das companheiras, como “coluna da religião” ou “tres tochas e tres pedras pressiosas”¹⁰.

É ainda no prólogo que Soror Antónia aponta uma outra finalidade para o seu texto: “servir de guia a voços primeiros annos o exemplo de tão heroicis vertudes”¹¹, isto é, servir de itinerário para noviças, o que revela, simultaneamente, o interesse substancial em valorizar a comunidade. Esse

⁶ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “Prologo”, fl. VI v.

⁷ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “Prologo”, fl. VII r.

⁸ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “Prologo”, fl. VII r.

⁹ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro segundo”, fl. 22 v.

¹⁰ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro primeiro”, fl. 36 v.

¹¹ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “Prologo”, fl. VII r.

interesse é tanto mais premente que a autora sente necessidade de nominalizar esses exemplos de virtude:

*E porque o aguardecimento de voças orações não falte, digo os nomes das que cõ estas piedosas obras mereçẽ zelos escritos em o çeo aque permita Deus guiarvos, fasendovos verdadeiras imitadoras suas*¹².

A legitimação destes relatos através da escrita faz perdurar a identidade destas mulheres. Há uma evidente intenção identitária ao serviço da memória, tal como a memória serve a identidade do convento, imortalizando o seu prestígio enquanto instituição pia.

Os atributos reconhecidos à religiosa pelos autores dos textos preambulares - “docta”, “conhecida”, “esclarecida” - e que se confirmam pelo domínio exímio de formas métricas ou quando a mesma cita os clássicos como Homero, Ulisses, Ícaro ou se serve de várias passagens latinas das Sagradas Escrituras ou nas plurais alusões a diversos autores e textos, contrastam com o modo como a autora se apresenta no prólogo, “uma mulher idiota e tão falta de policia”¹³. Mas este era o artifício fundamental para quem se queria aventurar na escrita, esse território durante muito tempo reservado aos homens: provar que se escrevia apenas pelo imperativo da necessidade.

Soror Antónia serve-se de dois géneros literários para alicerçar a sua obra, a crónica e a biografia devota. É no seu cruzamento que o texto encontra a sua estrutura medular. Pela análise do índice do documento (localizado no final da obra), facilmente se identifica o seu pendor historiográfico. Em simultâneo, constata-se um peso desigual no número de capítulos a pender para as biografias devotas. Não há, no entanto, nenhum título ou indício que sugira a diversidade de géneros literários com que surpreendentemente nos deparamos ao folhear o manuscrito.

O *Livro da Fundação* apresenta uma estrutura tripartida (significativa pela simbologia numérica), sendo cada um dos três livros totalmente independente no que respeita a estruturação formal e organização interna, ocupando a totalidade dos duzentos e setenta e oito fólhos de um códice em formato in 4^o.

O primeiro livro (o mais curto) contém quinze capítulos dedicados à fundação do convento, às suas origens resultantes da junção de dois exíguos cenóbios que deram lugar, em 1555, à localização e instituição definitivas.

Tratou-se de uma instituição de fundação régia, erigida sob os auspícios da casa real de Bragança de onde emergem as figuras do rei D. João IV, dedicatário

¹² BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “Prologo”, fl. VII r.

¹³ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “Prologo”, fl. VII r.

da obra (que acaba por falecer em 1656, um ano antes da conclusão da mesma), e da duquesa D. Isabel de Lencastre, sua principal fundadora e padroeira, cujos restos mortais jazem, por sua vontade expressa, no coro baixo do convento. A duquesa dotou o convento dos bens fundamentais para a constituição do seu património, que foi sendo fortalecido com posteriores doações e aquisições. Soror Antónia faz questão de relembrar e de enfatizar a eterna dívida de gratidão que a instituição tinha para com a duquesa:

Mas que pessoa tão real as trataçe cõ amor e lhanesa de mãe, não so cativava has que alcanarão estes favores mas has que lhes succedemos corre hubrigassão de nũca os perder da memoria, lêbrame de ouvir contar a hũa antiga (enão sã lagrimas)¹⁴.

Neste livro primeiro colhem-se ainda informações preciosas sobre a data de início da composição da obra (1652); o nome das primeiras fundadoras e abadessas (até 1657); os bens e relíquias que o mosteiro possuiu e as confrarias nele instauradas.

Nesta fase, a crónica reveste-se do seu estado puro, em que a narradora se anula (quase) sempre para cumprir os imperativos do rigor temporal, cronológico e histórico a que o tratamento destes dados obriga.

Soror Antónia articula os relatos biográficos com dados históricos (genealogias, obras de construção, acontecimentos políticos marcantes, etc.), sobretudo neste primeiro livro, quando retrata os anos de abadessado e principais diligências levadas a cabo por cada abadessa. Além de se socorrer de referências históricas atinentes à fundação do convento, aponta igualmente aspetos pessoais da vida de cada abadessa, que acabará por retomar no “livro segundo”. Todos estes elementos aduzem alguma novidade e correção ao conhecimento que até agora se detinha sobre vários elementos, nomeadamente: datas de profissão, investimentos artísticos de algumas abadessas no interior do seu convento, origem e percurso de objetos de arte, espaços privilegiados em termos de devoção e oração na igreja do mosteiro.

O segundo livro, o mais extenso, é constituído por quarenta e nove capítulos que relatam as vidas de vinte e uma religiosas que se recolheram no convento, cujos relatos incidem sobre vários tópicos que permitem sublinhar as virtudes das biografadas, como modelos de perfeição religiosa. Apresentam todos a mesma estrutura, começando pela filiação e motivos de entrada no convento ou a vocação das mesmas para a vida espiritual.

Os temas abordados em todos estes registos tratam do respeito pelos votos

¹⁴ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro primeiro”, fl. 6 v.

professados (silêncio, humildade, obediência, pobreza); o cumprimento da *Regra*; as visões; os milagres; os rituais de oração comunitária e individual (oração vocal e oração mental); as práticas devocionais; a brandura de comportamento; a alimentação; as leituras; os ofícios.

A plêiade de religiosas insignes que passaram por este mosteiro perpetuou-lhe a fama de local de muita devoção.

A biografia mais extensa deste livro é dedicada a Soror Catarina do Salvador, cuja vida é tratada num documento que foi inserido pela autora no seu texto, redigido por mãos desconhecidas (embora se atribua a sua autoria a Matias de Eça¹⁵, um padre jesuíta). Soror Antónia não se coíbe de partilhar o seu texto com outros, pois inclui um alógrafo de autoria masculina, evidenciando, deste modo, que a importância do relato das memórias se sobrepõe aos brios da autoria individual.

Soror Antónia serve-se então de um texto redigido por outrem (prática contrária à de tantos religiosos que se apropriaram de textos de autoria feminina, para sobre eles construírem os seus¹⁶), no entanto, é à autora que cabe a última palavra deste traslado, encerrado com informações que a própria acrescenta. O remate final é seu, quando refere: “ao autor desta recopilação devia de faltar notícia do que se segue, que por ser dino de ficar em memória o escrevo”¹⁷.

A contemporaneidade de algumas das biografadas em relação ao tempo da autora (tal como sucede em tantos outros relatos do género) confere a estas narrativas um grau de autenticidade e atualidade que os antigos relatos da tradição oral não permitem. Revela-nos a autora:

*Escrevo não so pello que vi e exprimētei, mas o que cõtão e jurarão em hũa inquirissão de suas vertudes todas as que a conheçerão, particularmente as madres joanna baptista e isabel dos anjos que atratarão*¹⁸.

¹⁵ No *Livro da Fundação*, no início do traslado, percebe-se com extrema dificuldade, que há um nome do possível autor do texto e local de pertença. Contudo, é com a ajuda da ficha descritiva colocada no interior do *Livro da Fundação*, da responsabilidade do Bibliotecário da Biblioteca Nacional à época, que se constata que o nome inscrito é do padre Matias de Eça, seguido da informação “pregador e religioso do convento de...”, o Bibliotecário coloca *ilegível* na informação restante, por estar, lamentavelmente, em muito mau estado e, como tal, impossível de decifrar. Sabe-se a data de conclusão do exemplar utilizado por Soror Antónia, pela “Aprovação” assinada por D. Jorge Cabral, “em Lisboa nesta casa de S. Roque da Companhia de Jesus, a 2 de setembro de 1621” (fl. 107 r., *livro segundo*).

¹⁶ Isabel Morujão refere a este propósito: “A história dos conventos femininos deve muito aos testemunhos escritos das religiosas, que, muitas vezes, não chegaram até nós, por terem sido plasmados em obras de carácter mais vasto, redigidas por mão masculina que os usou como fonte testemunhal e depois não cuidou da sua preservação” (MORUJÃO, Isabel – *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 125. Tese de Doutoramento).

¹⁷ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro segundo”, fl. 106 v.

¹⁸ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro terceiro”, fl. 1 r.

Ou ainda:

Estes dous milagres alem de os ouvirmos muitas das que são vivas a hũa antiga que os viu por seus olhos os conta hũa religiosa moderna que os ouviu relatar muitas veses a hũa sua avô¹⁹.

A autenticidade destas narrativas era preocupação permanente. Por diversas vezes, a autora refere que consultou documentos nos arquivos e registos disponíveis, para se fundamentar acerca de todos os assuntos sobre os quais discorre ao longo da sua obra, não só de passagens concernentes a factos históricos e do âmbito legal (servindo-se de documentação notarial), como também a acontecimentos ocorridos nas vidas de cada biografada. As fontes dos testemunhos do texto de Soror Antónia provêm então de registos orais, que a autora não se furta a identificar como tais, e de registos escritos considerados pela própria como mais válidos, pois são os que legitimam a escrita, os que podem ser comprovados, sempre que for necessário, como é disso exemplo a referência a testamentos: “so o que sabemos por seu testamento que cô esta doassão se guarda em o archivo”²⁰.

A faceta de cronista de Soror Antónia permite-lhe evidenciar esses dotes aquando da descrição de outros acontecimentos históricos, alheios ao convento, comprovando a sua capacidade de versar sobre múltiplas matérias, que não exclusivamente as de cariz religioso ou confinadas à vivência intra muros.

Soror Antónia faz referência a questões de âmbito europeu, nomeadamente à situação de Inglaterra e da sua conversão, ou alude a acontecimentos concernentes à política nacional como a Batalha de Alcácer Quibir (1578) e consequente perda da independência nacional, em 1580, a subsequente Restauração da Independência Nacional, em 1640, e a episódios mais locais, como o roubo do Santíssimo Sacramento na cidade do Porto, em 1614²¹. Tudo é matéria narrável e testemunha o interesse da autora e da comunidade pelo

¹⁹ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro primeiro”, fl. 30 r.

²⁰ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro primeiro”, fl. 2 v.

²¹ Este acontecimento que suscitou grande indignação na população, aparece descrito no *Sermão do Santíssimo Sacramento*, proferido pelo Padre Francisco de Mendonça, do qual transcrevemos uma pequena parte: “Todos hoje nos juntamos nesta Igreja, não tanto para prègar, quanto para chorar a grande afronta, de uma desafortada injuria, o atroz sacrilegio, que o mez passado se cometeo neste Reyno contra a Real, & sacrossanta Magestade, & Divindade de Christo Jesu. Já ouvistes o caso; tornay-o a ouvir, porque monstro tão raro sempre parece novo. Na Sé do Porto em huma Capella, em que então estava o Santíssimo Sacramento, consagrou hum Sacerdote cincoenta, ou sessenta fórmulas em huma custodia, & a recolheo em o sacrario; foy o dia seguinte para dar o Santíssimo Sacramento ao povo, abre o sacrario , não acha a custodia.(...) Senhor, que he isto? por ventura sahistes-vos daquelle sacrario, & daquella Capella, & daquella Igreja (...)? Não posso crer isso de huma Cidade tão pia, & tão christãa, & tão Catholica, como he a Cidade do Porto”. Cf. MENDONÇA, Padre Francisco de – *Sermão do Santíssimo Sacramento*. Évora: na Officina de Francisco Simões, 1614.

mundo que as envolvia.

A humildade dos votos que professou leva Soror Antónia a enfatizar o seu papel de mera transmissora das informações que lhe chegam, desconhecendo, por vezes, o total alcance do seu significado: “que cousas tão espirituais que so paixão ètre Deus e a alma so ella (a alma) pode testemunhar”²².

Do terceiro livro constam dezoito capítulos que parecem obedecer ao propósito da redação desta obra: a evocação da perfeição religiosa da Madre Maria das Chagas. É um livro à parte, um livro perfeito destinado a uma religiosa exemplar - a joia da coroa.

Torna-se evidente, por parte da autora, a intenção de destacar esta monja das vinte e uma anteriormente abordadas, ao dedicar-lhe tratamento individualizado num último livro - local retoricamente privilegiado (o que fica na memória do leitor), dando dimensão de relevo à sua heroicidade, no seu modelo de santidade.

Este livro terceiro começa com um argumento, seguido da invocação à Virgem, ao longo de onze estrofes em verso, redigidas em castelhano, revelando uma certa estrutura rogatória própria das epopeias.

Todo o texto é redigido no sentido de fomentar uma causa de santificação, intenção que se vê reforçada com a transcrição do parecer do Padre Frei Lourenço de Portel, datado de 1631 (ano da morte da venerável madre), processo iniciado em resposta a uma exigência do rei D. João IV.

Ao propor um modelo de santa, Soror Antónia Baptista perpetua com grande prestígio a memória do seu convento, cuja fama de instituição pia se espalhará graças às flores que embelezavam aquele vergel, contribuindo assim para “a edificação e consolidação de uma comunidade humana, que, sendo formada por pecadores, conscientes da sua fragilidade, era também um lugar de santificação”²³.

Ao parecer, de certa forma, cruzar o conceito de santidade com o de heroicidade, Soror Antónia Baptista demonstra uma noção de História muito curiosa. Acontece, por vezes, que o papel de cronista (implicando uma distanciação dos acontecimentos) assumido pela autora, é suplantado pelo papel da religiosa, da amiga, da confidente, tornando inviável a objetividade da narrativa, nos momentos em que “vem a primeiro plano a emoção pessoal de quem é não apenas testemunha, mas também participante dos factos e pode transpor para o texto as reações mais imediatas que lhe foi dado viver”²⁴. Neste contexto, verificamos que a escrita serve, alternadamente, tanto para “desafogar

²² BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro terseiro”, fl. 20 r.

²³ NASCIMENTO, Aires A. (tradução, estudo introdutório, notas e comentário) – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra, Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de S. Martinho de Soure*. Lisboa: Ed. Colibri, 1998, p. 16

²⁴ NASCIMENTO, Aires A. (tradução, estudo introdutório, notas e comentário) – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*. Ed. cit., p. 11.

uma saudade como para propor um modelo de edificação”²⁵, como acontece nos vários momentos de exposição da vida de Soror Maria das Chagas: “foi tão grande a desconsolassão destas filhas quando nos vimos orfas della”²⁶.

Estas marcas de subjetividade permitem ao leitor o acesso ao pensamento da autora, embora o escopo que estes textos pretendem atingir seja, sobretudo, “responder a um dever de memória perante os vindouros, mesmo para esse autor anónimo que chama a primeiro plano a recordação pessoal, pois vê na constituição da memória um modo de legitimar o que lhe é pedido pelo afecto”²⁷.

Mas o que individualiza esta crónica entre algumas outras que se conhecem é o discurso de Soror Antónia, que, visando construir a identidade comunitária, constrói, simultaneamente, uma identidade individual e individuada, com opinião própria, juízos sobre a história e sobre o seu mosteiro, sobre os erros de historiadores, tecendo críticas e dando opiniões.

Apesar do “desabrido talento”, a autora não coarta o seu espírito crítico. Deliberadamente intercala no seu discurso desabafos ou complementos de informação, evidenciando que só uma formação sólida permite um olhar crítico sobre algumas questões não conformes.

Frei Luís dos Anjos é referido e corrigido várias vezes pela autora por não ter tratado capazmente as vidas de algumas das religiosas do Convento da Esperança, ou por falta de informação ou por falta de precisão no tratamento das informações de que dispunha, ao redigir o seu Jardim de Portugal:

*E posto que quasi em estes nossos tempos viveo hũa dissipula sua que contava muitas maravilhas suas foi a negligensia tanta que nenhũa deixou escrita e assim so direi o que lëbra por que ate ã jardim de portugal se acha cõ mil erros o que della se conta, ao autor deste livro se mãdou hũa relassão desta e outras muitas religiosas, aquellas de que escreveo foi cõ os mesmos erros que irei aclarado ã o que dellas escrever*²⁸.

Atitude notória de quem se sente habilitada para corrigir a historiografia masculina.

Contudo, nem só a autoria masculina é alvo da “correção” de Soror Antónia. A autora tece acusações contundentes a abadessas e antecessoras do convento,

²⁵ NASCIMENTO, Aires A. (tradução, estudo introdutório, notas e comentário) – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*. Ed. cit., p. 12.

²⁶ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro terseiro”, fl. 66 r.

²⁷ NASCIMENTO, Aires A. (tradução, estudo introdutório, notas e comentário) – *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*. Ed. cit., p. 13.

²⁸ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro segundo”, fl. 1r.

por serem “descudadas” e não terem registado por escrito alguns dos factos que a autora revela e lamenta não poder comprovar, por terem proveniência nos duvidosos relatos orais e que obstam à consolidação credível de um património identitário e, conseqüentemente, à perpetuação das memórias coletivas:

Não fica este convento livre de culpa do pouco que de esta grande serva de Deos se sabe, e cõ grande magoa minha so escrevirei, por não aver ã tantos annos hũa religiosa que tratasse de deixar memoria de tantas maravilhas, e assim consumiu o tempo a mor parte dellas²⁹.

Também alguns prelados são alvo da “pena afiada” de Soror Antónia quando aponta a “grande culpa em os perlados que a molheres simplex não dão padres spirituais que emcaminhẽ suas consiensias”³⁰. Através da voz da Madre Maria das Chagas, a autora critica duramente alguns padres incapazes de cumprir as suas obrigações no encaminhamento das “pobres ovelhinhas” no caminho da salvação:

Emtão toda influida ã charidade batia no juelho, aceso o rosto como hũas brasas e desia, opeccadora de mim, as pobres ovelhinhas, que custaram o sangue de Christo Senhor Nosso faltarl-he a doctrina christã e pastor que as apaçente que a maior parte se perde por ignoransia. Bõ irẽsse ao inferno por serem governadas por taes perlados como hão de guardar a lei de Deos se lha não sabẽ ensinar³¹.

Presente-se alguma sobrançeria ou arrogância nas críticas que dirige aos seus alvos, atitude pouco comum a quem professa votos de obediência e humildade, que neste caso funcionam como um véu pontualmente rasgado por alguma acutilância. Talvez se possa daqui inferir alguma tensão que sobressaía dentro do mosteiro que, enquanto instituição tradicional, não procurava evidenciar as suas religiosas pela sua cultura.

Embora este texto pareça ter partido da iniciativa isolada de Soror Antónia, constata-se que esta longa crónica foi caucionada e legitimada pela comunidade religiosa que a ouviu ler, por determinação da abadessa, antes que se ultimasse para o prelo³². Houve, portanto, uma recolha interativa de memórias entre as

²⁹ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro segundo”, fl. 12 v.

³⁰ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro terço”, fl. 24 r.

³¹ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro terço”, fl. 43

³² Acontece, algumas vezes, certas religiosas pedirem a Soror Antónia que incluía no seu texto alguns factos ocorridos, como o milagre vivido por uma parturiente por intermédio da imagem de Nossa Senhora da Esperança: “ãbas me pedirão fisses memoria destes dous milagres” (BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob.

religiosas do Mosteiro da Esperança, que participaram assim ativamente na construção do património identitário que este livro representa. Facto que se exemplifica na seguinte passagem, ocorrida no ano de 1653:

E custume ã este convento ã o descurço do anno lersse ã o rectorio as vidas dos santos ã os dias que a igreja resa delles mãdou a madre abbadessa paraçe esta lissão e se lesse nelle este livro has religiosas antes de se tirar do borrão para que ãmãdacẽ qual quer erro que lhe achassẽ como pessoas que mais pudião testemunhar da verdade³³.

Parece haver uma imposição da vontade da abadessa de uma verificação e legitimação da comunidade sobre uma realidade que lhes respeita. Como se para além das licenças concedidas pelos censores, as religiosas e abadessa quisessem dar o seu *imprimatur* ou declarar *nihil obstat*.

Assim se deprende que a consciência da força do registo escrito na perpetuação de memórias coletivas e construtoras de identidade levou Soror Antónia Baptista a assumir a autoria da escrita de episódios fundamentais para a consolidação do património identitário do Convento da Esperança de Vila Viçosa. Mas se a redação final e o estilo dominante são de Soror Antónia, o resultado deve ser visto sempre como uma memória coletiva, no sentido em que toda a comunidade nela foi chamada a colaborar com as suas memórias e achegas. Para que, numa comunidade que, por natureza é plural, sejam o individual e o coletivo os alicerces da reconstituição do passado no presente, para memória futura. Nesse esforço empenhado, o tempo se foi “da lei da morte libertando”.

Artigo recebido em 16/05/2017.

Artigo aceite para publicação em 30/09/2017.

cit., “livro primeiro”, fl. 30 r.).

³³ BAPTISTA, Soror Antónia – *Livro da Fundação*. Ob. cit., “livro segundo”, fl. 19 r.